

**TEMPO DE VESTIR**  
**O papel do professor na formação do hábito de**  
**leitura**

**Marisa Giannecchini Gonçalves de SOUZA\***

Em termos de educação não há uma única forma capaz de produzir resultados positivos. Diante de uma classe, o essencial é que o professor seja um criador e o que melhor me parece definir como modelo é ser estudioso e apaixonado. Se ele gosta de ler e produzir textos, ele estará , com certeza, motivando seus alunos a adquirirem o hábito de leitura.

Neste trabalho relatarei uma experiência de dez anos numa escola da rede pública cujos resultados foram extremamente satisfatórios - mostrou-me que a educação nas séries iniciais, sendo bem fundamentada, dá aos alunos uma competência discursiva que lhes servirá ao longo de sua vida.

Vou chamar a essa escola de escola ideal pois ela conteve o que de melhor pude vivenciar em minha vida profissional como professora de português.

Essa escola foi escolhida por pais- a maioria da USP de Ribeirão Preto- que queriam colocar os filhos numa escola pública onde pudessem colaborar através da APM-Associação de Pais Mestres.

Contando com o apoio desses pais , com o envolvimento da direção , com os professores de quem eu era coordenadora de 1ª à 8ª séries em

---

\* Departamento de Linguística Faculdade de Ciências e Letras UNESP Campus de Araraquara.

língua portuguesa, pode estabelecer uma biblioteca com um acervo adequado.

Quando se adquiriam livros, não se compravam menos de dez exemplares de cada título - o ideal chegava a vinte para que o público-leitor tivesse sempre às mãos o livro que quisesse ler. Foram feitas campanhas como quermesses, venda de jornais, além da contribuição da APM que priorizava na escola a compra de livros mesmo que houvesse outras necessidades.

Como professora de português, eu ficava em perfeita sintonia com a bibliotecária - uma mãe de aluno, membro da APM, que se dispunha a ajudar - e juntas estabelecíamos as atividades ligadas à leitura, empréstimos de livros, assinatura de jornais.

Nas salas de aula, todos os dias, dado um sinal específico, os alunos paravam suas atividades e liam; nesse momento, que não era o mesmo todos os dias, toda a escola lia: o diretor os funcionários, os alunos e os professores. Criou-se o hábito de levar, entre os materiais, o livro para os dez minutos de leitura e, quando alguém o esquecia, podia ler algum texto do livro didático que ele escolhesse. Assim, a leitura passou a ser hábito também para todos os professores havendo troca de livros e sugestões quanto ao que se estava lendo, orientando as próximas escolhas

Ler por prazer, sem a obrigação de ser avaliado no final da leitura, é muito agradável. Muitas vezes os alunos, condicionados pela nota, perguntavam-me pela prova, mas aos poucos foram entendendo que, na escola, a aquisição do hábito de leitura é mais importante do que a nota atribuída em função do trabalho.

Nas aulas de leitura, muitos alunos traziam um dos livros que eu indicava para o mês, adiantando a leitura para a avaliação - é claro que ele podia ler o que quisesse e das aulas de leitura em classe nada se cobrava, mas eles optavam por ler o livro ou livros que estavam na lista do mês.

O interessante é que nunca indiquei um único livro para a classe. Fazia sempre uma lista de dez

livros e somente um, à escolha do aluno, era obrigatório para a avaliação. Quem lesse mais teria uma escolha maior e ficaria livre de outras tarefas.

Mas, antes de falar da avaliação, quero falar da indicação dos livros, o que era meu grande desafio. Dando aulas em dois períodos, eu não tinha muito tempo para avaliar os livros que chegavam ao mercado, embora nunca tenha indicado livros sem os ler previamente. A lista de livros era muito flexível e, pela necessidade de fazê-la, acabei lendo escritores e obras que eu ainda não conhecia ou outras de que já não me lembrava com clareza.

Uma vez, uma aluna da 6ª série me disse que seu pai lera Pirandello e lhe recomendara; nesse momento, eu disse que ela poderia ler e eu leria quando ela pudesse me emprestar o livro, pois era necessário discutirmos a obra isso só seria possível mergulhando na leitura. Foi ótimo e devo a ela e a outros alunos a inclusão de autores e obras que enriqueceram o *corpus* de livros indicados. Quando os alunos souberam pelos jornais que Fernando Sabino publicara *Menino no Espelho* e me pediram para ler, adorei a sugestão: A Biblioteca adquiriu dez exemplares e todos nós lemos. Vale lembrar que, em se tratando de escola pública, havia também alunos carentes, mas todos se serviam da Biblioteca, não havendo necessidade de nenhum aluno comprar os livros indicados, a menos que quisesse.

Às vezes, dado o tempo escasso e a solicitação cada vez mais crescente, o trabalho era enorme, mas tinha em mim que, limitado por minhas condições, ele atingia seus objetivos: eu tinha consciência de que o trabalho marcava todos nós.

Descobri que o professor precisa ter muita sensibilidade e ter paixão pelo que faz; se assim for, ele entende o outro e, embora tenha trinta e cinco ou quarenta crianças na classe, consegue ver cada um em particular. Lembro-me de um aluno que, durante minhas aulas, desenhava; os professores querendo enquadrá-lo na escola tradicional, davam-

lhe nota baixa, reprovando-o várias vezes. Um dia, propus-lhe o seguinte: se você ler os livros que indico e desenhar uma cena deles, considero o trabalho realizado. A partir daí, todas as ilustrações da classe era ele quem as fazia. Não tive mais notícias depois que ele concluiu a 8ª série, mas espero que outros professores tenham tido a mesma sensibilidade e compreendido que a linguagem visual era a sua forma de comunicação.

A indicação dos livros - nunca menos de dez na mesma lista - sempre continha obras literárias de nível, indo do mais simples ao mais complexo, pois desde criança devemos estar em contato com obras que causem o efeito de estranhamento, enigmas que é preciso decifrar. Oferecer ao aluno histórias que, sem nenhum nível de reflexão, repetem o cotidiano é deixar de lhe oferecer a oportunidade de conviver com formas simbólicas da linguagem com nível de excelência. As obras, portanto, não eram selecionadas por série ou idade, mas por iniciação: cumprida a primeira fase, passava-se à segunda, aprofundando-se o nível de estranhamento do texto. Acontecia então que um aluno, transferido de outra escola muitas vezes não acompanhava as leituras de seus colegas - o percurso dele seria portanto, individual, como o era para outros.

Às vezes, um aluno gostava tanto de um livro que me pedia para relê-lo e eu concordava plenamente. O hábito da releitura permite a apreensão mais profunda da obra, seja pela captação de outros dados, seja pelo maior grau de maturidade numa segunda leitura.

Nunca imaginei que ser professora de português fosse repetir tarefas de livros didáticos. O professor é aquele que vive fora da sala de aula. Por isso, sempre estive à frente dos movimentos da escola, como, por exemplo, na ocasião da gincana. Como chefe de equipe-cada professor geralmente é chefe de uma - sempre achei que o motivo deveria ser um autor e um livro. Nessa ocasião, o desfile, o grito de guerra as tarefas pedidas deviam estar

centralizados no mesmo tema, como aconteceu com *Macunaíma* - no desfile de rua, no grito de guerra numa montagem para teatro, partes do livro foram trabalhadas. É verdade que os alunos não leram o livro mas, ao ver-me organizando a festa e trabalhando os mitos, eles, tenho certeza, foram iniciados nessa obra de Mário de Andrade.

Disse em determinado momento, que nem toda atividade era sujeita à avaliação, isto é, nem todo trabalho deveria convergir para uma avaliação final, mas todo envolvimento ia sendo avaliado, à medida que eu via a participação e a produção dos alunos.

Se eu precisasse formalizar a avaliação - a escola tradicional o exige - eu fazia desse momento um momento criador, uma experiência nova. Ler um livro e trabalhá-lo cotejando-o com um filme sobre a mesma temática era uma forma de avaliação; o outro foi o julgamento de Capitu: uma série, a 8ª A, a defendia, outra, a 8ª B, a acusava. Montei um júri e o julgamento durou dois dias. Poder-se-ia dizer que personagem não é pessoa e, portanto, não é passível de julgamentos, mas isso o tempo ensinará aos alunos.

Como outras formas de avaliação citam-se o diálogo com um escritor, a encenação de um livro, como se fez, por exemplo, com José Hamilton Ribeiro, autor de *Pantanal, amor baguá*, e a representação de *A bruchinha que era boa* de Maria Clara Machado. Ou ainda, a viagem a São José do Rio Pardo para participar da Semana Euclides da Cunha. Nessa ocasião, os alunos leram partes de *Os Sertões* (O homem, a luta), falaram sobre o livro de uma forma simples e bonita. Imagino que muitos daqueles alunos que talvez não lessem o livro nem quando adultos, porque poderiam achá-lo difícil, leram-no sem preconceitos.

Podendo acompanhar os alunos durante oito séries como coordenadora de língua portuguesa de 1ª a 8ª e professora de português de 5ª a 8ª, pude organizar o conjunto de leituras para essas fases da escolaridade. Houve um momento em que pedi aos

alunos da 8ª série que fizessem a lista das leituras já feitas, apontando os livros que julgavam ter valido a pena ler. Foi interessante a exclusão de certos títulos e a inclusão de outros, apontados como fundamentais, agradáveis, bonitos, critérios de uma primeira visão crítica.

Fica evidente que o aluno com hábito de boas leituras é um escritor com maior competência. Na produção de nossos textos (digo nossos porque eu produzia textos e os alunos também os liam), o ponto de partida era uma questão oriunda das leituras. Escrevi, nesse tempo, peças de teatro, contos, crônicas que, como os trabalhos dos alunos eram submetidos à avaliação.

Guardo dessa fase de produção de textos muitas histórias singulares e registro uma que vale como fecho; a mesma menina que me indicou Pirandello escreveu-me um cartão desejando-me, em nome da classe, restabelecimento de saúde. Era um cartão de uma mulher tirando a roupa com o seguinte texto verbal: "Se o doutor pedir que você tire a roupa, peça que ele tire a dele também". E ela complementou: "Marisa, volte logo porque senão todos nós ficaremos sem roupa por aqui".

Esse jogo de palavras, a metáfora trabalhada, deu-me a certeza de que os alunos estavam iniciados no estudo da literatura. Drummond nos convida a penetrar "surdamente no reino das palavras" pois lá estão os poemas que esperam ser escritos". Sem as imagens desgastadas - surdos a elas - devemos criar o novo. O professor que entender e abrir esse caminho dará ao aluno a chance de descobrir o extremo prazer da leitura e da produção de textos. Daí sim vestiremos os alunos e a nudez - rio sem discurso - ficará em águas passadas!